

estudios

bíblicos

CEI
SUPLEMENTO - 19



I N D I C E

Editorial 1

I — Fichas (de Cristianismo y Sociedad):

A Terra na Bíblia 2
 Riqueza e Pobreza 7
 Liberdade e Libertação 14
 Reconciliação e Conflito 19

II — Exegese (de Etienne Samain):

O Escândalo de um Elogio 23

III — Diversos (Das Comunidades de Vitória):

Igreja — A Semente que estamos plantando no chão
 da vida 31
 Reino de Deus — O Fruto que queremos colher no
 chão da vida 38

(De Abdalaziz Moura):

Moisés — Vocação e Vida 46

**CAPA — Do filme de P. Pa-
 solini, O Evangelho Segundo
 São Mateus.**

CEI - SUPLEMENTO - 19 - DEZEMBRO, 77

Diretor-responsável: Domicio P. de Matos; *Redator:* Carlos A. C. da Cunha; *Conselho Redatorial:* Carlos R. Brandão, Elter D. Maciel, Jether P. Ramalho, José Sotero Caio, Marlene R. Campante, Rubem A. Alves.
Impressão: Princeps Gráfica e Editora Ltda. — R. Teodoro da Silva, 574.

Distribuído aos assinantes do CEI.
 Assinatura anual: Cr\$ 120,00 - Avulso: Cr\$ 15,00 - Cheque pagável em nome de: **Tempo e Presença Editora Ltda.**
 — Cx. Postal 16.082 — Zc-01 — 20.000 — Rio de Janeiro — RJ.
Registrado de acordo com a Lei de Imprensa.

A repercussão crescente de todos os estudos bíblicos que temos publicado e ainda os resultados da pesquisa feita entre leitores nos obrigam a dar atenção maior à produção de material para reflexão bíblica. Já está em organização um Centro de Estudos Bíblicos com equipe permanente de estudiosos das Escrituras que pretende fornecer material acessível, de leitura fácil e que possa até mesmo alimentar grupos regulares de estudo bíblico, tais como escolas dominicais, círculos bíblicos e similares nas Comunidades Eclesiais de Base.

Este número de nosso Suplemento, numa primeira tentativa, reúne alguns textos em três linhas didáticas bastante distintas. A primeira é a ficha bíblica. Material conciso, cheio de abonações de referências que não visam fortalecer o leitor na base de argumentos bíblico-teológicos, mas, apenas, ampliar-lhe a reflexão. Nem sempre a citação escriturística pretende coonestar a colocação feita pelos autores no texto não-bíblico, antes sugerir ângulos polivalentes para o aprofundamento das questões suscitadas.

A segunda linha é a do estudo pura e simplesmente exegético de um determinado texto. Neste número, Etienne Samain, bem conhecido nos meios católicos, detém-se nos aspectos interiores de uma parábola tantas vezes discutida e que sempre levanta inúmeras perguntas relevantes. O trato da estrutura vocábular e sintática é feito com detalhes que lançam bastante luz sobre os problemas levantados.

Por fim, a Bíblia sob um terceiro ângulo: a atualização linguagem-tempo, onde as linhas se enriquecem com as entrelinhas. Destaque-se o trabalho de Abdalariz Moura nesse sentido. Pode-se questionar tal procedimento, achar até que haja exageros, ou que se esteja avançando demais. Entretanto cremos que é um desafio e vale a pena examinar.

Cremos que os três pólos didáticos podem ser usados em níveis diversos de interesse popular, seja com pessoas já afeitas ao trato da Bíblia, seja para despertar o interesse noutras que a estão conhecendo agora.

Os três procedimentos representam ainda um esforço de provocar reações que esperamos receber, a fim de nós mesmos mantermos uma constante reavaliação de nossas possibilidades.

Escreva-nos o que quiser sobre o que estamos fazendo. Será ajuda e muito boa.

a terra na bíblia

1. A vida rural

O campo enche as páginas todas da Bíblia. A paisagem faz parte de seu conteúdo. As nuvens os trovões, o sol acompanham a presença majestosa de Deus (*) Outras vezes Deus está na brisa, no mar ou na estrada como alguém bem próximo do homem, um ser da natureza. (*)

Êx 19.16

Gn 1.2; 18.1,2

Gn 1.1

Sl 115.16

Gênesis começa com estas palavras: No princípio criou Deus o céu e a terra". (*) O Céu era a morada de Jeová, a terra "a morada dos homens". De acordo com a segunda narrativa da criação, no dia em que o Senhor fez os céus e a terra. (*)

"Não havia ainda nenhuma planta do campo na terra pois ainda nenhuma erva do campo havia brotado; porque O Senhor Deus não fizera chover sobre a terra, e também não havia homem para lavrar o solo. (*)

Gn 2.5

No futuro se levará em conta, por isso, que os frutos do campo são resultantes da ação dos céus, por meio das chuvas que Deus envia, e da terra (pelo trabalho do homem).

O homem, vindo da terra e feito de terra, como indica a palavra "Adam" em hebraico, é colocado à frente da criação para dominá-la, (*) servir-se dela e dar graças a Deus por seus frutos. (*) A terra será o primeiro dom gratuito de Deus ao homem, aos homens, ao povo, sem distinção.

Gn 2.8
Sl 135.12

A visita de Jeová ao homem, no paraíso terrestre (*) vai-se repetindo ao largo da história. As árvores, os poços, os montes, caminhos e pastagens serão muitas vezes sinais e recordações dessas visitas rápidas de Deus a seus patriarcas que preparam a visita definitiva de Cristo a "sua terra, sua herança, sua vinha". (*)

Gn 2.28

Mt 21.33-40

Apesar de ter exercido o ofício de carpinteiro numa pequena cidade, Cristo está pleno de vida pastoril em todos os seus discursos e parábolas pregadas ao ar livre, enquanto denuncia o orgulho das cidades e prenuncia a sua devastação. (*) Não significa que a Bíblia seja contrária às cidades e ao progresso que representam (Jerusalém é o símbolo da "paz e felicidade", da "cidade celestial"), no entanto vê nelas toda uma civilização que avança para a soberba, a injustiça e a idolatria e que confunde o homem. (*) Sempre que o homem, ser terreno, despreza as suas ligações com a natureza, esvazia-se e se confunde. A civilização acaba por se lhe opor e a natureza não é mais reflexo de Deus. (*)

Mt 11.20-24; 24.
1,2

Gn 11

Rm 1.20

2. Um domínio sem exclusão

A terra não é só a morada natural ao homem. É um projeto de trabalho. O homem tem que dominá-la apesar de ser adversa. (*)

Gn 1.28; 3.17-19

O domínio do homem sobre a terra não se fundamenta na exclusão do seu semelhante

nem deságua na exploração de uns pelos outros... Embora a posse da terra não se revele como a originadora de tal exclusão, não se consagra o seu direito absoluto como em nossas sociedades atuais. Observa-se na propriedade a causa de profundas divisões, como a de Abraão e Ló; (*) e Deus abençoa a terra do que foi generoso e desinteressado. (*)

Gn 13.5-13
Gn 13.14-18

Os profetas vão denunciar a acumulação de terras e a posse exclusivista. (*) A lei judaica estabeleceu uma série de prescrições para evitar tal acumulação. (*) Especialmente a lei sabática, no ano do jubileu, anulava todos os contratos de compra e venda de terras a cada sete anos, criando uma espécie de direito comum de propriedade comunal das terras. (*) O grande princípio dessa lei era “que ninguém oprima a seu irmão”.

Is 5.8; Mq 2.2

Dt 14.29; 24.19-21; Êx 23.11

Lv 25.13-17

A origem nômade de Israel vai ser constantemente lembrada pelos profetas, logo que se instala na terra prometida e adota os deuses dos cananeus; estes cultuavam a terra e seus frutos (a árvore do paraíso terrestre é um desses cultos profanos). Deus não habita senão no céu. Não é um Deus de gente instalada, mas de um povo em marcha. É um Deus do tempo e do futuro mais que um Deus da natureza. (*)

Os 11.1-4; Jr 2.1,3; Ez 16

Quando o homem adora a natureza perverte as suas relações com o resto, ao perverter as suas relações de domínio sobre a terra tornando-se escravo dela. Por isso Jeová vai dizer, a propósito do culto à natureza: “Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios”. (*) Neste sentido Deus chega até a aborrecer seu templo. (*) porque a sua verdadeira herança e propriedade é o povo (*) e não um templo feito pelas mãos dos homens e que pode ser destruído por eles próprios. (*)

Jr 7.22

Jr 7; Mt 12.6
Dt 9.26; 15.4

2 Rs 25.9

3. A terra prometida

A promessa da terra constitui a origem da esperança que produz um povo e o põe em marcha. Para os clãs primitivos dos patriarcas, expostos a todas as hostilidades do deserto, peregrinar equivalia a morrer. Uma terra estável era sinal de vida e de permanência. (*) Para os judeus que abandonaram a terra do Egito, com sua abundância relativa, a terra que buscavam com tantos sofrimentos, devia ser um país de trigo, vinhais, gados... de azeite e mel. (*) Dom de Deus e também conquista do povo. (*) A terra prometida asseguraria a liberdade, já que não era possível adorar no Egito, um país de escravos, ao verdadeiro Deus. (*) O Deus da liberdade somente pode ser conhecido e adorado numa terra sem escravos, nem privilégios, garantindo assim a liberdade do homem.

Gn 26.3 ; 35.12

Dt 8.7 ; Nm 14.7 ; Jz 18.9

Êx 6.4ss ; Js 5.14-6.21

Êx 3.18

Para Israel que não cria num paraíso celeste para além da morte, a terra prometida era o retorno ao "paraíso terrestre" do qual o homem tinha sido expulso. (*) Mas com a condição de não agir como Adão e os habitantes cananeus, cultuando os deuses da colheita e da sementeira. Se o homem fazia a projeção do homem no culto e na religião, então os cultos naturais não seriam senão a projeção de uma natureza que agora se tornava estranha, cruel e violenta. (*) Israel sucumbiu a essa desumanização, e todos os profetas até Jesus convidam a uma nova marcha a fim de que o homem não se conforme com a imagem da terra e do mundo. (*).

Gn 3.23

1 Rs 18.20-41

Ez 34.27,28 ; Mt 15.4 ; 1 Jo 2.15-17

Não constitui tal fato uma "espiritualização" excessiva da terra?

Aparentemente a escolha entre céu e terra, entre eternidade e tempo, ou, como dizemos hoje, entre Deus e o homem, pareceria opor a

própria religiosidade do Antigo Testamento à do Novo. Tais distinções, entretanto, não estão fundamentadas na Bíblia, mas antes no pensamento grego que forjou a cultura ocidental.

Os judeus não desejavam outra terra que não aquela que seus pés poderiam pisar, não buscavam a outro Deus que não aquele que tinha o homem como imagem (não perceberam senão muito mais tarde a distinção entre a alma e o corpo). Contudo, pouco a pouco se concebeu que a eternidade era prolongamento e manifestação do tempo do homem, o homem era lugar de encontro de Deus com o homem, e assim a terra passou a ser a realidade onde se realiza dia a dia a nossa salvação (um símbolo real de algo que se realiza nela, mas que se projeta também para Deus).

Mt 5.5

Ap 21.1

A terra que Jesus promete aos mansos, humildes e pobres; (*) os céus novos e a nova terra que continua prometendo no Apocalipse (*) não significa outra coisa.

pobreza e riqueza

Fala-se na Bíblia freqüentemente da riqueza. Porém em vez de afirmação sobre a pobreza, fala-se mais comumente dos pobres. Nos últimos profetas e nos salmos eles se transformam nos eleitos; no novo povo e no novo restante do qual nascerá o Messias que incarna a figura dos “pobres de Jeová”. Por isso as bem-aventuranças dirigidas a esses pobres, mansos e humildes são, antes de mais nada, uma descrição de Cristo “manso e humilde de coração”. (*)

Mt 11.29

Para chegar a tal concepção, o povo de Israel teve que percorrer um largo caminho cheio de experiências amargas sobre a riqueza. Por isto se esclarece que a riqueza, a qual parecia no início uma bênção de Deus, se tornara, no final, uma espécie de “maldição” e anticristo, o deus-mamom da iniquidade. (*) Porém, enquanto as ameaças aos ricos aparecem claras (*) e só excepcionalmente Cristo os admitirá na sua campanha (*) e no seu Reino (será mais fácil um camelo passar por uma porta estreita) (*), ao mesmo tempo suas palavras sobre a pobreza e os pobres continuam até hoje cheias de ambigüidade: Bem-aventurados os pobres (*) ou os pobres de espírito? (*) Não se promete ao pobre a recompensa no céu se

Mt 6.24-25; Lc 16.13

Lc 6.20-26; 16.19-31

Mt 9.9; Lc 19

Mt 19.24

Lc 6.20
Mt 5.3

Lc 16.19-31

2 Co 8.9

Mt 19.21-27; 10.
9

Mt 5.6

Rm 4; Gl 3

ele for resignado? (*) Não se pede aos cristãos para serem pobres segundo o modelo de Cristo, o qual "sendo rico se fez pobre por amor de vós", (*) submetendo-os dessa forma à injusta situação de pobreza, (*) em vez de lutar contra tal situação? E quando são chamados de bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, (*) não se está falando da justiça como forma de santidade, como justificação pela fé? (*)

Não é fácil responder afirmativa ou negativamente a tais perguntas, porque a situação daquela época está distante para nós e também a consciência que Jesus e os seus tinham da injustiça. Contudo dita consciência estava longe de ser ingênua. Nós contamos hoje, sem dúvida com a experiência de um sistema diabólico, rico por definição, visto que se baseia no capital. Por isso mesmo estamos mais aptos a ver como Jesus, assim como os últimos profetas (Miquéias, Sofonias, etc.) se dirigem ao coração de pobres e ricos. Isso porém só encontrou eco entre os pobres. (*)

Mt 11.25-27; Mc
12.41-44

Inicialmente a riqueza foi concebida como uma "bênção" de Deus. De igual modo entre os povos primitivos que cercavam os judeus. Abraão, Isaque, Jacó, os melhores reis de Israel são justos, desapegados e abençoados por Deus com riquezas abundantes. Em contraposição a essa bênção, na literatura dos sábios de Israel os pobres são apresentados como malditos (*) e a pobreza é associada com as pessoas como castigo (*). Entretanto não é realçada como a grande virtude, e o ideal deve ser encontrado num meio termo ("Não me dê nem a pobreza nem a riqueza "diz o sábio a Deus. (*) Mais ainda, a sabedoria, compreendida como saudável temor de Deus é algo diante do qual as riquezas são desprezíveis (*)

Sl 112.3,10

Pv 21.17

Pv 30.8

Sl 19.9,10

Trata-se no entanto de um pensamento abstrato, esotérico, talvez pelo contágio com os

gregos. Na vida real a riqueza e a pobreza são duas faces da mesma moeda: numa sociedade injusta onde as riquezas de uns correspondem ao empobrecimento de outros, seja indivíduos, grupos ou nações, (*) aí os profetas denunciavam como ninguém o grande mal social movidos por um vivo sentimento de justiça (*);

Ne 5.1-6; 2 Rs
23.30-35

Is 3.15; Jr 22.
13; Am 2.6; 4.
1; 8.6; Mq 3.
6,9-15

desejando inclusive, à imitação dos salmistas, a revanche. (*) Espera-se que Jeová refaça a justiça social que os homens parecem incapazes de fazer cumprir, (*) apesar de suas melhores leis. (*)

Dt 1.16; 16.18,
20; Lv 19.15,
36

Jr 20.11; Sl 54.
7; 69.23-30 etc.

1 Sm 24.12; Sl 9.
19-20; 26.1ss;
Is 3.13,14; 66.
15,16; Jr 11.
20; Ez 36.19,
25,30-38; Sab
4.20; 5.23

Da mesma forma que a sabedoria no Antigo Testamento, o Reino de Deus vai ser a "pedra preciosa" que deve ser preferida a tudo. (*) Este reino se identifica com Jesus Cristo, nossa única riqueza. (*) Por isso é que seus seguidores vão perder o interesse pelos bens deste mundo (*)

Pv 3.15; Mt 13.
45,46

Jo 4.14; 6.35;
1 Co 1.5; Ef
2.7; 2 Co 2.9
Mt 4.20,22; 9.9

e Deus será incompatível com a riqueza. (*) Em tal contexto o que se propõe ao jovem rico que desejava seguir a Jesus, sem abandonar seus bens, não é um conselho, mas toda uma exigência que vai muito além da lei. (*)

Mt 6.24

Mt 19.16-22

Mt 19.23-26

As maldições de Cristo aos ricos (*) levam os apóstolos, que tudo deixaram para seguir o Mestre, a perguntar: "que será, pois, de nós?" A resposta de Jesus é a mesma das bem-aventuras (a vida eterna) com este curioso complemento: o cêntuplo por um já no presente. (*) Resulta bem curioso que Jesus não procura uma pobreza pela ascese e não quer que

Mc 10.28-30

seus discípulos se privem de certos prazeres enquanto que isso não impeça a sua futura missão. (*)

Mt 9.14,15; Mc
2.16; Lc 19.5

Lc 16.19-31

Talvez nunca se tenha ressaltado tão vivamente o contraste e a relação entre riqueza e pobreza como na parábola do rico comilão e do pobre Lázaro. (*) Aparece nela, com toda a clareza, a relação entre a terra e o céu, relação invertida, da mesma forma como nas bem-aventuranças. O rico está à mesa e o pobre à porta sem poder entrar. Após a morte, o rico vai para o inferno e o pobre, para o seio de Abraão. Este fato, porém, é antes de tudo, uma constatação; não está nele o centro da mensagem; o que Cristo pretende salientar é que a separação que neste mundo é gerada pela riqueza, é, diante de Deus — que une o tempo com a eternidade — algo definitivo e intransponível. Da mesma forma que na terra os pobres não comem à mesa do rico e apenas são atendidos à porta, afastados por uma esmola, assim os ricos não podem ultrapassar o grande abismo que se interpõe entre eles, os escolhidos de Deus, no meio dos quais Cristo figura como o primeiro. Por isso não atendem a ele e tão pouco mudarão sua atitude, mesmo que Deus lhes envie alguém dentre os mortos.

1 Jo 2.15; 1 Tm
6.17

Na realidade, Deus já enviou alguém maior do que Moisés e os profetas e contaram-se os ricos que mudaram de atitude. Os apóstolos vão fazer eco de tal experiência anunciando o tremendo castigo reservado à cobiça das riquezas. (*)

Se se fez referência a uma tal inversão de papéis, o primordial não será pregar resignação aos pobres, mas sacudir profundamente a consciência impenetrável dos ricos. Eis porque Tiago diz:

“Atendei agora, ricos, chorai lamentando, por causa das vossas desventu-

ras, que vos sobrevirão. As vossas riquezas estão corruptas e as vossas roupagens comidas de traça, o vosso ouro e a vossa prata foram gastos de ferrugens e a sua ferrugem há de ser por testemunho contra vós mesmos, e há de devorar, como fogo, as vossas carnes. Tesouros acumulastes nos últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, e que por vós foi retido com fraude, está clamando; e os clamores dos ceifeiros penetraram até aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Tendes vivido regaladamente sobre a terra. Tendes vivido nos prazeres. Tendes engordado os vossos corações, em dia de matança. Tendes condenado e matado o justo, sem que ele vos faça resistência”. (*)

Tg 5.1-6

Aqui, da mesma forma que em Jó e nos Salmos, o grito do pobre é um clamor que chega a Deus e exige justiça, (*) e os inimigos dos pobres são inimigos de Deus. (*)

Jó 34.28; Sl 9.9,
12,18
Sl 18.27; 9.11-
19

Porém, teremos que esperar até o fim do mundo tal juízo de Deus e tal restauração? Vale aqui sublinhar que o juízo de Deus no Novo Testamento não é juízo puramente terreno, nem um juízo apocalíptico ou dos tempos finais (escatológicos). Muito mais, o Antigo Testamento é que se bate entre estes dois extremos, com o homem procurando, por um lado, um juízo definitivo no presente (Salmos e Jó especialmente) e, por outro lado, anunciando Deus o advento de tal juízo nos tempos messiânicos e apocalípticos (Daniel). Contudo é justamente em Jesus — o “filho do homem” anunciado por Daniel — que se inaugura então o juízo de Deus que há de dar seus frutos nesta terra. (*)

Jo 3.18; 9. 39

1 Co 1.26

A comunidade cristã primitiva foi de pobres e escravos (*) visto que o evangelho foi dirigido preferencialmente a eles.

Se há um escândalo que o cristianismo deve suportar hoje é o de que os poderosos se valeram do Evangelho e da Igreja, e o fato de que isso tenha sido possível. Embora Cristo tenha morrido em mãos de poderosos, a sua mensagem não foi crucificada. Por isso pois a Igreja, submetida aos impérios não pode impedir que sua mensagem a chame de novo a ser a "igreja dos pobres".

Uma das afirmações mais comuns desta igreja quando fala pela boca dos ricos é de que os pobres, aos quais Cristo se reporta, são os "pobres de espírito". Entretanto, não se diz que as constantes críticas aos ricos não admitem tal tipo de "espiritualização", ou "simbolismo".

Lc 6.20

No que diz respeito à expressão de Mateus, "os pobres de espírito" em lugar de "os pobres" de Lucas (*), cabe assinalar o seguinte: A palavra de Cristo não é demagógica. O pobre não entra no Reino (presente e futuro) de Cristo pelo simples fato de ser pobre, mas porque a pobreza, apesar de ser obra dos homens e repudiada por Deus (*) revela uma condição universal do homem diante de Deus, condição essa que os Salmos e os profetas não deixaram de salientar e que o Evangelho esboça na parábola do fariseu e do publicano. (*) O espírito de pobre é a humildade, a esperança, o desprendimento; atitude de quem escuta a Deus. Na parábola do semeador as preocupações do rico impedem que a semente frutifique. (*) A preferência de Deus pelos pobres nada mais é do que o eco que a Sua palavra encontra neles porque neles se encontra mais facilmente uma atitude de escuta. (*) Quando Cristo deseja demonstrar que o reino esperado já foi inaugurado com a sua própria pessoa e que ele é

Jo 12.8

Lc 18.9-14

Mt 13.22; 19.29

Mc 12.41-44

o Messias, manda dizer aos discípulos de João: “Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho”. (*) Os milagres não são jamais argumento da nossa fé, mas *símbolos* que movem a atenção para o estilo inconfundível da ação de Deus que aqui é: o anúncio da libertação (material e espiritual) aos pobres que agora andam, vêem, caminham e escutam esta mensagem.

E estes pobres de que Jesus nos fala nada mais são do que aquele “restante” de Israel do qual nos falam os profetas (*), germen do novo Israel e da nova Igreja (*) que Sofonias descreve no final como “um povo humilde e pobre”. Por isso Maria, imagem desse povo e dessa igreja, exclamará ao receber o anúncio do Messias: “Derrubou os poderosos de seus tronos e exaltou os humildes” (*) e Cristo se vai encher de alegria, dando graças ao Pai nestes termos: “Eu te dou graças... porque ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos”. (*) Esta união dos pobres em redor de Cristo e da igreja primitiva por força teve que dar seus frutos aqui na terra; novos sinais de que Cristo salvava o seu povo fazendo retroceder a enfermidade, a fome e a miséria.

Foi por meio da esmola, compreendida a partir do pobre e não do rico (*) que os primeiros cristãos chegaram a conceber a comunicação de uns com os outros, (*) para chegarem a ter “um só coração e um só espírito” pondo tudo em comum. (*) Hoje a causa do pobre que Deus sempre assumiu como sua (*) será a nossa causa, assumindo nós a sua luta num novo contexto e com uma nova consciência, segundo aquela palavra de Cristo de que os que crerem farão coisas muito maiores do que ele fez. (*)

Mt 11.5

Is 4.2,3; 6.13;
10.19-21; 37.
31; Jr 3.14; 5.
18; Ez 5.3;
Am 3.12; 5.
15; 9.8-10; Mq
4.7; 5.2; Sf
2.3

Is 11.1-10

Lc 1.52

Mt 11.25

Mt 6.2

Rm 15.26-28

At 2.44; 4.32

Jr 20.12; Sab

Jo 14.12

liberdade e libertação

5.13

Quando Paulo fala da vocação para a liberdade, na carta aos Gálatas, (*) não se refere a algo abstrato, nem a alguma coisa adquirida de uma vez por todas. A Bíblia não nos dá uma definição de liberdade. Traça-nos um caminho que se inicia com o êxodo e que coincide com a criação mesma de Israel. Em liberdade “se faz caminho enquanto se anda”.

O Êxodo

Ex 1-15

Vamos resumir os elementos mais importantes desta “origem histórica” tanto de Israel como de sua fé (*)

Ex 3.19
Ex 4.21b
Ex 3.18

1. Na descrição da opressão de Israel nas mãos do faraó e dos egípcios, destaca-se que a libertação não procede nem dos opressores (“Eu sei porém, que o rei do Egito não vos deixará ir” (*), diz Deus, “mas eu lhes endurecerei o coração” (*), nem de seus deuses. (*) Ao Deus da liberdade só se pode servir no deserto, na terra prometida, fora da escravidão. Por isto esta primeira libertação vai coincidir com uma ampla revelação do nome de Jeová. (*)

Ex 3.14,15

2. Deus escolhe a Moisés, “o liberto das águas” (*) e o prepara para tirar a Israel “a pé enxuto”, (*) graças à “mão poderosa” de Jeová. (*) Moisés, porém, libertado em sua juventude posta a serviço de seus irmãos, vive a experiência de um povo dividido, manobrado pelos opressores. (*) Para libertá-lo, Deus se apresenta como o Deus de Abraão e Isaque, como o “Poderoso de Jacó”, (*) comunicando esse poder a seu povo chamado “Israel” por ter lutado contra o próprio Deus. (*)

Êx 2.10
Êx 14.22, 29
Êx 3.19

Êx 2.11-15
Êx 3.15; Gn 49.
24
Gn 32.27-30

3. Isaías e os Salmos descrevem a criação do mundo nos mesmos termos da libertação do Egito. (*) O caos primitivo é comparado ao Mar Vermelho e o vocábulo “bara” que designa a criação é, pela primeira vez, usado por Isaías para referir-se à criação de Israel. (*)

Is 51.9,10; Sl 74;
89

Is 43.1,15 (cf Dt
32.6)

4. A experiência de Moisés com seu povo será plenamente partilhada por Deus. O povo será também plenamente partilhado por Deus. O povo oprimido teme o grande risco e a aventura da liberdade. A lenta marcha até à terra prometida, objetivo do êxodo, (*) e das promessas aos patriarcas (*) estará carregada de empecilhos e tentações, (*) e Jeová vai servir-se de uma lenta pedagogia a fim de que “o povo de dura cerviz” renuncie aos falsos deuses da natureza e marche junto com o Deus da História e da Liberdade. Só assim Jeová se transformará no fiador da liberdade, no libertador de Israel. (*)

Êx 3.8
Gn 12.1; 15.7,18
Êx 14.11,12; 16.
3

Is 43.14; 44.6,
24; 47.4; Jr
50.34

Deus libertador e a nova aliança

O libertador (qoêl) de acordo com a lei primitiva era o encarregado de proteger a família, livrar os escravos. (*) Daí o famoso texto de Isaías com o qual Cristo vai caracterizar a sua missão.

Lv 25.25, 26

“O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor.” (*)

Lc 4.18,19 (cf
Is 61.1,2)

A libertação do Egito aprofundou-se no exílio com a Nova Aliança que Deus promete e que se projeta como libertação definitiva, (*) como um novo êxodo para a liberdade interior (*)

Is 10.24ss; 40.
3ss; Ez 11.19ss

Is 41.17ss; 43;
51.9ss; Jr 31.
1ss; Os 2.16ss;

11
9.12 (cf Is 45.
17)

Sl 130.8

segundo a interpretação da Carta aos Hebreus. (*) Assim a experiência histórica do povo é a de que é o Senhor que liberta a Israel da fonte de toda a escravidão, o pecado. (*) Os salmos concebem freqüentemente a intervenção pessoal como social de Jeová como uma libertação do pecado e de suas conseqüências escravizantes. Os homens deverão ser a imagem desse Deus a quem não se pode aplacar com jejuns, nem cultos, mas libertando os oprimidos e quebrando as cadeias. (*)

Is 5.8

O Messias Libertador

Embora os evangelhos se refiram a Cristo de um modo geral como Libertador e à sua ação como a Nova Páscoa (*) no entanto, de diversas maneiras, Mateus e João o asseme-lham a Moisés, o grande libertador de Israel. (*)

Lc 24.21; Mc 14.
12ss e paralelos

Mt 2.15; 3.16;
4.1ss; 5.1,21
etc.; Jo 1.14;
6 etc.

Jo 7.2,37; 8.12
Jo 8.24,28; 6.35;
13.19; 18.5

Jo 3.14; 12.32,
34; 19.37

As alusões aos feitos do êxodo, às festas de Israel que relembram tal libertação vão prestar-se a uma revelação progressiva de sua pessoa (*) como aquele que é (*Eu Sou: Javé*) (*) e que atrai — como a serpente de Moisés — todas as coisas ao “ser levantado”. (*)

A Liberdade de Cristo

No sermão do monte, Cristo, o novo Moisés, não propõe uma nova lei ou doutrina. (*) Apesar de falar “como quem tem autoridade”, (*) a sua lei é paradoxalmente a superação de toda a lei pelo amor (*) e a sua doutrina é a sua própria pessoa. (*) Verdade, vida, luz são, em João, termos sinônimos para expressar o mistério da permanência de Deus em nós, o que Cristo nos comunica ao revelar-se e entregar-se.

Mt 5.17,18

Mt 7.28,29

Mt 22.34ss; Rm

13.8

Jo 14.6

E tudo isso equivale a “liberdade”.

“Disse, pois, Jesus aos judeus que haviam crido nele: Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos; e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.” (*)

Jo 8.31,32

A liberdade é um dom de Cristo que nos livra do pecado e da mentira. (*) Livre é aquele que ama o irmão; que vence o mundo e a sua mentira. (*) Mentiroso e escravo é aquele que nega a Jesus Cristo e que não permanece no seu amor. (*)

Jo 8.31,34,36,44

1 Jo 1.6; 2.14;
3.10

1 Jo 2.18ss; 5

Para Paulo essa liberdade é um dom de Cristo e uma vocação à qual ele nos chama. (*) A redenção de Cristo é uma libertação da escravidão à qual nos submeteu o pecado e a lei, segundo a Carta aos Romanos. Com a sua morte, Cristo crucifica a lei, a servidão, o velho... e nos entrega o espírito de liberdade que nos faz “filhos” no Filho. Porque “onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade”. (*)

Gl 4.6,7; 5.13

Na vida de Paulo semelhante liberdade se concretiza e se revela no seu próprio agir; no mundo social que o cerca. É a libertação da lei judaica, expressão de um velho mundo político-religioso que exercia o monopólio da conversão por meio da circuncisão e de outras práticas. Segundo o “evangelho” de Paulo,

2 Co 5.18ss

- ninguém pode gloriar-se de nenhum privilégio. Todos são iguais diante de Deus. Esta revelação da igualdade dos judeus e pagãos, ele a descobre no “sinal dos tempos” que é a inesperada conversão dos pagãos (ver também At 10.47). A convicção firme de Paulo de defender essa liberdade leva-o a enfrentar as maiores autoridades da incipiente igreja. (*) A concepção concreta da igualdade que gera a liberdade cristã vai-se ampliando a muitos outros casos (liberdade de falar nas assembléias, de comer carnes sacrificadas aos ídolos, de assegurar sua existência, mesmo apelando para César etc.) Embora Paulo dê soluções históricas aos problemas de sua época, concebe a igualdade absoluta de todos — escravos e livres, homens e mulheres, judeus e gregos. (*) As diferenças sociais tão defendidas pelo mundo (“nem todos têm os mesmos dons”, diz-se hoje quando se defende uma posição, um privilégio) entre escravos e livres, sábios e ignorantes, não só perdem o seu valor, mas ainda podem ter esse valor invertido diante de Cristo. (*) De tal forma que “a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens”. (*)
- Gl 2.11-14
- Gl 3.28
- 1 Co 7.22; Rm 2.13,14
- 1 Co 1.25

Assim, pois, como no Antigo Testamento, a liberdade como vocação conduz aos poucos à justiça e à igualdade. Não à livre concorrência, não à exclusão, não à exploração. Para os que experimentaram a presença e a ação de Deus, a liberdade não se converteu numa “ideologia”, numa justificativa de privilégios nem de desigualdades intoleráveis segundo a consciência histórica do momento. Eles queriam viver num mundo onde a liberdade não fosse mero vocabulário, como diz Paulo VI. Muito pelo contrário, a liberdade era uma justificativa de uma servidão vivida e sentida. (*)

reconciliação

e conflito

O Ministério da Reconciliação

A concepção da obra redentora de Cristo como uma “reconciliação” entre Deus e os homens é exclusiva de Paulo. (*) O Evangelho foi confiado a Paulo como um “ministério de reconciliação”. (*)

Rm 5.8-11

2 Co 5.18ss

A morte de Cristo constitui uma redenção do homem, concebida como um resgate. (*) O homem, uma vez afastado de Deus pelo pecado, não pode, por si mesmo, restabelecer a relação original da amizade com Aquele que o fez à sua imagem e semelhança (*) e Cristo, que nos amou sendo nós ainda inimigos de Deus (*), paga esta libertação na cruz (*). Deus já não tem em conta nossas faltas e pecados. (*)

1 Tm 2.5,6

2 Co 3.18

Rm 5.10

Ef 2.4,5,16

2 Co 5.19

No Antigo Testamento, a idéia do resgate ou redenção é usada com frequência para designar a eleição do povo escolhido, sua libertação da escravidão do Egito.

Com os profetas e com Paulo, a idéia de um “resgate” passa assim a significar, uma nova criação. (*)

2 Co 5.17

Ef 2.17

2 Co 6.4,14; Ef
6.15

Mt 5.23,24

Este ministério da reconciliação que equivale a uma “pacificação” (*) vai muito mais além de um tratado de paz (no sentido de não-agressão) entre Deus e os homens e deve dar seus frutos nas relações entre os homens. (*) A única vez que se faz menção da reconciliação nos evangelhos é em um ambiente cultural. Diz-se: “Se, pois ao trazes ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta”. (*)

Antigo Testamento

2 Macb 1.5; 7.33
etc.

Êx 34.6
Sl 85, 4; 103.8ss
Sl 85.8

Os 1.6ss; Ez 18.
22ss

Is 1.11; 29.13ss;
58.1-13; Jr 7.
21ss

Cl 1.20; 2 Co 5.
19

Ef 2.11ss; 3.1-13

O culto, no Antigo Testamento, é concebido, de fato, como uma forma de aplacar a Deus. (*)

Porém um Deus “de ternura e piedade” (*) que se converte de sua ira e de seu rigor (*) e fala de paz a seu povo. (*) A reconciliação é oferecida à esposa adúltera, aos filhos desencaminhados, pela boca de Deus dentro de um drama que representa em carne viva os esponsais e a filiação entre Deus e Israel. (*)

O Novo Testamento segue a tradição profética de recusa a um culto formal à margem da vida. (*) A autêntica religião é uma reconciliação e pacificação entre os homens. Mais ainda, para o homem é a própria criação que se reconcilia com Deus, como o sugerem as cartas paulinas da prisão. (*) Ali fala-se, além disso, de uma reconciliação universal entre todo o gênero humano, dividido entre judeus e pagãos. (*)

Reconciliação: Presente e Futuro

A reconciliação, com seus frutos de paz, amor universal, perdão, pode ser pregada e realizada em um mundo conflitivo? Que efeitos surtem a pregação e o culto de uma paz entre os oprimidos e opressores, vencedores e vencidos, a nível de ações, classes sociais e raças? O mais trágico desta situação é que a dominação, hoje como outrora, se exerce em nome de Deus, do cristianismo, tal como foi anunciado por Cristo. (*)

Mt 24

A respeito dizia um jornalista comentando a mensagem de reconciliação do Ano Santo: “Nossa preocupação não é diferente da vossa, Santo Padre, porém nosso vocabulário deixa-me perplexo. Não se reconciliam senão as pessoas que se amavam e que depois brigaram... Pessoalmente não vejo nenhum outro meio de reconciliar explorador e explorado a não ser suprimindo a exploração” (1).

Nenhuma reconciliação pode passar por cima dos direitos de ninguém, nem pode aceitar uma situação de injustiça. Os bens escatológicos que acompanham a reconciliação, são bens presentes e futuros. É um “já, porém ainda não”, como disse Paulo. Algo que — como a eternidade — se realiza no tempo e se manifesta e culmina no final da história. Todo o problema consiste em captar pela fé que se apóia em uma profunda paixão pelo homem e pelo hoje, a relação do presente do homem com seu futuro, em Cristo. Trata-se, segundo Juan L. Segundo, de uma relação dialética, que tem uma continuidade e uma descontinuidade (2). Algumas vezes a Bíblia sublinha o pri-

(1) A. Wurmser, in *L'Humanité*, 27/11/74, cit. por R. Bosch, “Reconciliación”, Medellín, março 1976, n. 1 pp. 74-79.

(2) “Conversión y Reconciliación en la Perspectiva de la Moderna Teología de la Liberación”, *Cristianismo y Sociedad*, nov. 1975, pp. 17-25.

meiro. Outras vezes busca-se uma verdadeira subversão, uma espécie de revanche contra a situação presente. Assim, em Lucas, as bem-aventuranças têm um realismo ferino e são seguidas de maldições. (*) Os pobres e perseguidos são simplesmente os pobres de hoje. E a eles se contrapõem os dominadores. A parábola do pobre Lázaro e o rico, trata de uma verdadeira subversão, uma espécie de inversão de valores aos olhos de Deus. Mateus, em compensação, sublinha mais a continuidade. Não basta ser pobre, é preciso ser pobre com relação ao futuro, ao Deus que vem. Dessa forma os pobres são “não somente pobres”, como em Lucas, mas, ainda mais, “pobres de espírito”. (*) Por outro lado a pacificação universal que Cristo traz ao mundo (*) não é uma consagração do presente, mas uma ruptura com ele, segundo as palavras de Mateus: “Não penseis que vim trazer a paz à terra; não vim trazer paz, mas espada”. (*) Paulo mesmo afirma na Carta aos Romanos: “. . . a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativo. . .” (*) Só uma fé em Deus a partir do homem e de sua situação poderá crer no germe da realização do futuro do homem, tal como Paulo percebeu em Corinto os frutos de sua mensagem de reconciliação, precisamente porque Deus já estava exaltando os humildes e incultos e confundia os sábios poderosos. (*)

Lc 6.20-26

Mt 5.1ss

Cl 1.20

Mt 10.34ss

Rm 8.20ss

1 Co 1.26ss

o escândalo de um elogio

Etienne Samain

A Parábola do Administrador Infiel

Havia um homem rico que tinha um administrador e este lhe foi denunciado como quem estava a defraudar os seus bens. Então, mandando-o chamar, lhe disse:

— Que é isto que ouço a teu respeito? Presta contas da tua administração, porque já não podes mais continuar nela.

Disse o administrador consigo mesmo: Que farei, pois que o meu senhor me tira a administração? Trabalhar na terra, não posso; também de mendigar tenho vergonha. Eu sei o que farei, para que, quando for demitido da administração, me recebam em suas casas.

Tendo chamado cada um dos devedores do seu Senhor, disse ao primeiro: — Quanto deves ao teu patrão?

Respondeu ele: Cem cados de azeite.

Então disse: Toma a tua conta, assenta-se depressa e escreve cinqüenta. Depois perguntou a outro: Tu, quanto deves?

Respondeu ele: Cem coros de trigo.

Disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta.

E elogiou o senhor o administrador infiel, porque se houvera atiladamente, porque os filhos do mundo

são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz.

E eu vos recomendo: Das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando estas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos. Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito. Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza? Se não vos tornastes fiéis na aplicação do alheio, quem vos dará o que é vosso?

Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro; ou se deotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. (Lc 16.1-13).

Esta parábola sempre criou um certo mal-estar aos pregadores quando tinham que anunciá-la, e também uma certa curiosidade nos ouvintes. É verdade. A um certo nível de leitura, a parábola escandaliza, porque aquilo que nos chama a atenção primeiramente é a maneira fradulenta de agir da personagem central (o administrador). E esse escândalo torna-se consternação quando, isolando esses elementos dos outros materiais da parábola, ouvimos o Senhor “louvar o intendente-administrador desonesto”, por ter agido com esperteza!

A leitura da parábola é por isso duplamente incorreta. Primeiro porque, deixando de lado a palavra-chave da lição da parábola (phronimôs-avisado, esperto, sagaz), nos esquecemos de ver que o louvor do Senhor não é à “desonestidade” do administrador e sim ao fato dele ter agido de “maneira sagaz”. Segundo, porque tal leitura só se interessa com o “como” da ação realizada pelo administrador sem se perguntar sobre o “porquê” (motivo) de tal conduta. Vamos pois entrar no vivo do comentário da parábola.

Uma situação dramática

Ora, esse “porquê”; essa causa são claramente definidos logo no começo da parábola. Depois do verso 1 que com alguns traços rápidos, colo no palco as personagens e descreve a

situação de conjunto, aparece, no versículo 2 o veredito: o administrador é expulso por seu patrão, obrigado que foi, sem recurso possível, a apresentar suas contas e a ir-se embora. Essa é a situação central. Notemos aliás que Lucas não insiste nas razões eventuais da demissão forçada do administrador. Só se sabe que o administrador dilapidou os bens de seu patrão, nada mais. O essencial assim se situa, para Lucas, num outro nível: trata-se da situação diante da qual, de repente, fica colocado o administrador; uma situação dramática que põe em questão a sua vida futura e o obriga a procurar imediatamente uma saída.

Com outras palavras: o administrador não tem mais tempo para hesitar; ele tem que encontrar um meio para sair da fossa na qual está: “Que hei de fazer se meu patrão me tira a administração?” (v. 3a) pergunta-se o administrador o qual, colocado diante de um *fato*, tem que tomar uma *decisão* que orientará e definirá *sua vida futura*. O essencial está dito e esse núcleo é a chave que vai dar-nos a possibilidade de ler a parábola até o fim, até à sua conclusão (v. 8).

Antes de ir mais à frente, podemos dar relevo a um elemento literário que nos poderia escapar e que nos parece interessante sublinhar. Na frase “Eu sei o que farei, para que, quando... (5:4)”, há, pensamos, o sinal de uma tensão entre um “agora” e um “futuro”, entre o “agora da vida”, do administrador e o “futuro de sua vida”: o que ele está procurando *agora* é o que ele *fará no futuro quando* a gerência lhe terá sido tirada. Essa tensão presente/futuro se encontra, em termos semelhantes, na parábola do rico insensato (cf. 12.17; cf. também 20, 23). Não é de admirar que, na aplicação da parábola (no verso 9), Lucas passará, de maneira muito clara, do simples plano “presente-futuro da vida terrestre” ao duplo plano “vida sobre a terra-vida depois da morte”, introduzindo assim uma problemática pessoal: o destino do homem depois da morte.

A habilidade da solução

Se o essencial da parábola parece dado no v. 2 (pela constatação do informe no qual se encontra o administrador) e no v. 3a (pela captação do que ele decide e busca imediatamente),

devemos ainda nos perguntar: Por que o evangelista Lucas nos oferece três outros versículos para nos mostrar *como* o administrador agiu para achar uma solução? Qual a significação desses versículos intermediários?

Os pesquisadores dizem em resumo isto: Não há absolutamente nada de desonesto nos arranjos realizados pelo administrador em relação com os devedores de seu patrão. Essas negociações aliás têm que ser explicadas positivamente se se levar em conta a legislação judaica sobre os empréstimos com juros.

O administrador de uma fazenda atuava em nome e lugar de seu patrão ausente. Na medida em que ele não tinha remuneração nenhuma, ele podia ganhar um dinheirinho (às vezes um dinheirão), emprestando os bens de seu patrão a terceiros. Fulano de Tal, por exemplo, precisava de óleo, o administrador arranjava o que esse fulano pedia sob a forma de um empréstimo com juros. Suponhamos que Fulano de Tal precisava de 50 pipas de azeite, o administrador lhe dava essas cinqüenta pipas (na época, mais ou menos 1750 litros) e também um bilhete dizendo: Eu, Fulano de Tal, devo ao administrador da Fazenda "Três Marias", 75 pipas de azeite!". Evidentemente a diferença das vinte e cinco pipas a mais representava a "comissão", o "lucro", a "gorjeta" que exigia o administrador, em compensação do empréstimo das cinqüenta pipas de azeite. Não havia — aparentemente, pelo menos — "usura" diante da lei judaica que a proibia. Era o jeito da época! Sabendo disto, entende-se melhor o que o administrador fez quando soube da expulsão dele. Simplesmente ele reuniu os devedores de seu patrão e lhes disse: "Quanto deves a meu patrão?" O devedor responde: "Cem pipas de azeite". E o administrador acrescenta: "Está bem, toma tua fatura, senta-te depressa, e escreve cinqüenta!". Que isto quer dizer? O seguinte: dessas cem pipas de azeite de que constava o recibo, 50 somente tinham sido emprestadas de fato pelo administrador e 50 outras representavam o "gorjetão" que o administrador queria tirar desse empréstimo para ele mesmo. Assim, quando o administrador transforma a importância do recibo, ele não rouba o seu patrão; simplesmente, ele renuncia à sua gorjeta. Ao fazer assim, não somente, ele permite ao patrão recuperar a dívida real dos bens emprestados mas, além disto,

renunciando ao seu próprio proveito, ele faz amigos! A operação é perfeita e de uma habilidade total. Entende-se assim porque ele é louvado!

Dito isto, temos que nos perguntar ainda: “Quem é esse “*Senhor*” que, no v. 8a louva o administrador? ‘Será o próprio patrão do administrador? Será Jesus mesmo? O texto pelo menos fica ambíguo. Eis a nossa resposta pensamos que originariamente o “*Senhor*” designava o patrão do administrador e que, no contexto da pregação de Jesus, o v. 8b assim servia de lição e de aplicação da parábola. Veremos logo o sentido que devemos dar a esse versículo 8b. Agora, é bem provável que Lucas seja responsável, não somente pela adição do versículo 9, mas também, e, em função disto, tenha considerado o “*Senhor*” do v. 8a como sendo o próprio Jesus e não mais o patrão do administrador.

Qualquer que seja a solução que tenham que dar, a conclusão da parábola fica a mesma. O versículo 8, na sua totalidade, procura evidenciar a habilidade, a esperteza, a agudeza e a vivacidade do administrador. *Essa vivacidade é dupla:*

— O administrador é de um lado “esperto”, “sagaz”, (*phrônimos*, em língua grega, quer dizer “aquele que tem espírito”) porque recebeu a urgência da situação na qual ele se encontrava. Soube, sem demora, tomar uma decisão válida.

— Por outro lado, o administrador é *phrônimos* também porque, colocado diante de uma situação que ele percebe muito bem, demonstra um “verdadeiro senso de negócios”. Isto bastaria para preparar e anunciar o que Lucas, logo, vai dizer com relação à habilidade que os cristãos têm que possuir a respeito do dinheiro na perspectiva da vinda do Reino. Nesta perspectiva, o versículo 8b seria a chamada — primitivamente sem dúvida endereçada por Jesus aos fariseus, “amigos do dinheiro” (16, 14), — retomada por Lucas com vistas às comunidades cristãs, ricas e já bem acomodadas às quais se endereça — para discernir a importância do tempo presente e para agir de maneira coerente.

A aplicação da parábola (v. 9) e as “logia” que seguem (v. 10-13).

A função do versículo 9 é não somente de retomar, a um nível vivencial e comunitário, a lição da parábola, mas também de servir de introdução às outras “logia” (palavras esparsas de Jesus) que, de certo modo, são lições em relação mais ou menos direta com a temática da parábola.

1. No contexto atual do evangelho, o v. 9 apresenta-se como uma exortação dirigida aos discípulos para que eles saibam usar com inteligência os bens terrestres e o dinheiro de que eles dispõem. A melhor maneira de utilizá-lo é de fazer com ele amigos. Instrução assim de alcance moral em relação ao dinheiro, tanto em função *do que ele é*, quanto em função *da situação presente do Reino e da condição do cristão depois de sua morte*.

Temos que explicitar esses diversos aspectos:

— Notemos primeiro que a expressão usada por Lucas no v. 9: “dinheiro injusto” se reencontra numa maneira de falar mais grega, dois versículos depois: “injusto dinheiro” (v. 11) a qual aí se opõe a outra: “o bem verdadeiro”. Da mesma maneira, no versículo seguinte (v. 12), o “bem alheio” se opõe ao “bem que é seu mesmo”. Que deduzir desses fatos senão que, para Lucas, os bens terrestres e o dinheiro em particular são em relação com os bens “autênticos” do Reino, valores pouco seguros nos quais não se pode confiar verdadeiramente, comparados aos bens do Reino que, segundo Lucas 12.33, representam um “tesouro infalível”, “um tesouro que não vai faltar”. Os bens terrestres, o dinheiro, são realidades que nos deixam e nos escapam um dia e que, de toda maneira na hora da morte “faltam”, “somem”. O dinheiro finalmente é um “bem alheio” que escapa.

— Ao lado desta lição de sabedoria que, porém, ultrapasa o simples ponto de vista do bom senso na medida em que Lucas pode chamar a atenção de seu leitor sobre “o que é seu”, já agora e no futuro, temos que observar o que o evangelista acrescenta: ele não sugere um ideal de desprendimento em si, mas propõe um ideal de amizade: “Fazei amigos com o dinheiro desonesto”, que se traudzirá através da esmola.

— Enfim, como temos que entender as “tendas eternas?” “Trata-se de tendas “eternas”, i. é., tendas que têm que permanecer sempre ou trata-se das “tendas escatológicas”, i. e. as tendas que pertencem ao “mundo do fim dos tempos?”

Sendo as relações que acabamos de apontar e de mencionar entre “o que é dinheiro” e “o que não é”, entre “o que é provisório e que escapa” e “o que é, pelo contrário, infalível”, pensamos que a perspectiva não é a de uma antítese entre o mundo presente e o mundo a vir, mas a de um contraste entre as realidades terrestres e as realidades celestes. As primeiras nos deixam e escapam, as outras são eternas. Lucas não parece assim querer estabelecer um contraste entre o “tempo presente” e o “tempo por vir”, e sim entre “o presente da vida humana” e “tempo que segue imediatamente à morte do homem”.

Em todo caso, é bem nesta perspectiva de pós-morte que temos que ler a primeira parte da parábola do rico perdulário e do pobre Lázaro que, precisamente, representa uma ilustração, às avessas, do que Lucas no v. 9, tirou da parábola do administrador esperto. Enquanto este último (um filho deste mundo) soube, no momento exato, ter amigos com o “dinheiro injusto”, o rico da parábola (Lc 16.19 ss) é alguém que errou, se enganou totalmente. Ele (um filho da luz) não entendeu o que a irrupção do Reino implicava e exigia dele, já neste mundo; ele não percebeu o alcance concreto e imediato desta lei de transtorno introduzida pelo anúncio do evangelho. Ele não acreditou nele e, no entanto, essa lei se verifica, inexorável, logo após sua morte: “Meu Filho, respondeu Abraão, lembra-te que recebeste os teus bens durante a vida, e Lázaro, então, os seus males; agora, porém, ele encontra consolo aqui, ao passo que tu padeces.”.

2. Os versículos 10 a 12 relacionam-se indiretamente com a parábola do intendente-administrador infiel, assim como os ensinamentos nela contidos. Não se trata mais, nesses versículos, da utilização e do destino dos bens terrestres na perspectiva do Reino (v. 9) mas da fidelidade em aplicar na administração dos bens materiais e sobretudo espirituais. Inserindo os vv. 10-12, Lucas quis pôr fim a uma incompreensão possível: se o administrador é louvado, não é evidentemente

pelas suas fraudes, mas antes pela sua perspicácia. É evidente, de fato, que a exigência requerida de todo administrador de bens é a fidelidade. Lucas portanto vai mais longe do que a correção e a lição moral. Sem dúvida ele endereça-se diretamente aos responsáveis pelas comunidades cristãs e quer lembrar que esta fidelidade, exigida de direito de todo homem que administra bens temporais, deverá ser mais ainda daqueles que lidam no campo dos bens espirituais. Como poderiam eles pretenderem ser fiéis de um lado se não o são do outro? Como poderiam ver que lhes são confiados os bens verdadeiros se não foram encontrados dignos de gerir os bens deste mundo?

O homem não pode servir a dois mestres de uma só vez: ele deve escolher e esta escolha é requerida dele desde que o Reino fez irrupção no mundo. É nesta decisão que se revelará sua identidade profunda: ele será “filho da luz” e desde então pertencerá a Deus; ele será “filho deste mundo” e pertencerá a “Mammon”.

Sob a forma duma inclusão pois, o v. 13 retoma essa tensão existente entre “filho do mundo” e “filho da luz” para depreender, parece-nos, a natureza verdadeira da identidade cristã: o cristão é aquele que, sem concessão, pertence a Deus. Tendo escolhido Deus, ele só pode ser-lhe fiel na radicalidade de seu engajamento e na totalidade de seu ser.

Igreja...

Cada um planta o que quer colher. Ninguém planta café para colher mamão. Quem quer colher arroz planta arroz. O que as nossas comunidades querem colher? O que estão plantando?

Diante do *terreno* da vida, cada grupo humano reage de uma maneira: uns só pensam em futebol; outros jogam baralho; nós nos reunimos em comunidades de IGREJA. Para quê? O que as nossas comunidades estão plantando no chão da vida? O que querem colher?

Diante das pedras que encontramos no terreno da vida, como reagimos? Uns vão no benzedor e se benzem, como se isso adiantasse alguma coisa; outros vão encher a cara de cachaça, para afogar as mágoas. E nós, que somos comunidades de Igreja? Para que serve a comunidade? Para rezar? Só para fazer culto?

Deus quer a Igreja olhando para a terra

Os Atos dos Apóstolos nos contam que, logo que Jesus subiu ao céu, a comunidade dos cristãos de Jerusalém ficou "olhando para o céu" (At 1,10). Mas os anjos do céu disseram à comunidade: "Homens da Galiléia, por que estais olhando para o alto?" (At 1,11). Hoje devemos nos perguntar: A nossa comunidade está olhando para o alto ou para a frente? Para o céu ou para a terra dos homens? Algumas comunidades dão a impressão de só ficar olhando para o céu: só fazem culto e não se preocupam com os problemas da gente do bairro, nem com os companheiros de trabalho, nem com as dificuldades do povo. Ora, rezar é muito importante; cristão que não reza é como o homem que não respira. A oração faz crescer a nossa

**... a semente que estamos plantando
no chão da vida**

fé. Mas isto não basta. São Tiago nos diz em sua carta: “Que adianta, meus irmãos, alguém dizer: Tenho fé, se não tiver as obras? Poderá, talvez, a fé salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem nus e desprovidos de alimentos diários, e alguém de vós lhes disser: “Ide em paz, esquentai-vos e fartai-vos”, nem lhes dar o necessário para a vida corporal, que lhes aproveitaria? Assim também se passa com a fé: se não for acompanhada pelas obras, por si mesma está morta. Entretanto, poderá alguém dizer: “Tu tens fé e eu tenho obras”. Pois bem: mostra-me esta tua fé sem as obras, e mostrar-te-ei com obras a minha fé. Crês tu que há um só Deus? Fazes bem. Os demônios também crêem nisso e tremem”. Tiago 2,14-19).

A Igreja não pode pregar a libertação de Deus dando as costas para o povo. É servindo ao povo que o cristão agrada a Deus. O homem é imagem e semelhança de Deus, diz o Gênesis. O homem é sinal e sacramento de Deus, diz a Igreja.

Na antigüidade, os povos de outras religiões representavam os seus deuses em objetos visíveis: uma árvore, o trovão, etc. Os judeus também sentiam esta necessidade, e várias vezes representaram Deus numa imagem qualquer: um animal ou algo feito de barro. Mas Deus nunca aprovou isso. Pela boca de seus profetas, dizia que isso estava errado, era pecado de idolatria. Por quê? Porque Deus já nos deu o seu “ídolo”, o único ser vivo no qual Ele quer ser amado, servido e contemplado: o homem. E o próprio Deus se fez homem entre os homens em Jesus de Nazaré.

A semente que Jesus confia à Igreja

A semente que as nossas comunidades devem plantar no chão da vida é o *modo de viver de Jesus Cristo com o povo*. Isto é o Evangelho, a boa nova, que alegra os corações e transforma o mundo. A Igreja não é a semente. É o cesto que carrega a semente. Quem só fala do cesto e não fala da semente é como o sujeito que fazia propaganda de camisas, mas nunca falava das camisas. Só falava da fábrica que fazia as camisas. Ora, não é a fábrica que o público vai comprar, é a camisa. Do mesmo modo, é o modo de Jesus Cristo viver com o povo que devemos anunciar com o nosso modo de viver — esta é a missão da Igreja.

Vamos ver como Jesus age e como nós agimos.

O capítulo 6, versículo 30 a 44 de S. Marcos, nos relata “a multiplicação dos pães”. Jesus vê “uma grande multidão” e começa a instruí-la *longamente* (6, 34). O tempo passa, a noite chega, e o povo tem fome. Os discípulos vão dizer a Jesus: “Este lugar é deserto e a hora já vai adiantada; despede-os para que possam ir aos sítios e aldeias da vizinhança *comprar* de que comer (6,35). Muitas vezes, quando as nossas comunidades se deparam com os problemas concretos do povo, temos a tentação de fazer a mesma coisa: despedir o povo, deixar que ele se vire por aí, como se a Igreja nada tivesse a ver com as condições econômicas, políticas e sociais de nossa gente. A palavra de Jesus alimenta o espírito. . . mas para que serve diante de uma multidão faminta? Os discípulos ouvem com calma a longa explicação de Jesus; porém, ficam impacientes frente a este problema material concreto: a fome do povo. Que podem os cristãos fazer diante de um povo que passa fome? Uns dizem: “Nada!”. Outros reagem: “Temos palavras de vida eterna e ficamos mudos perante as dificuldades da vida atual?”. Para os discípulos, o melhor “é despedir a multidão”, para que ela se vire por aí, nos sítios e aldeias, onde possa *comprar* o que comer.

Jesus não aceita a sugestão dos discípulos. Não quer mandar embora o povo faminto, como se Ele e seus discípulos não tivessem nada a ver com isso. Jesus exige que os discípulos procurem encontrar uma solução para o problema: “Dai-lhes vós de comer!” (6, 37). Pois, que adianta pregar e nada fazer para melhorar a vida do povo? De que vale a fé sem obras? Porém, como os discípulos podem dar de comer ao povo? Eles raciocinam dentro de um sistema social onde o alimento é mercadoria, e, como tal, tem um valor de troca que só pode ser pago em dinheiro: “Iremos acaso *comprar* cem cruzeiros de pão para lhes dar de comer?” (6,37). A *necessidade* da multidão está além da *possibilidade* dos seguidores de Jesus. Para eles, a única maneira de solucionar o problema é dentro das regras do sistema econômico-social, já existente. Como se a relação fome-dinheiro-alimento fosse tão natural, como o calor que faz durante o verão.

Mas Jesus não quer saber *quanto de dinheiro eles têm para poderem comprar as coisas*. Jesus foge às regras do sis-

tema já existente. Modifica as regras deste sistema. E introduz uma nova maneira de agir. O que ele quer saber é *quanto de coisas eles têm para poderem dar aos outros*: “Quantos pães tendes? Ide ver” (6,38). O texto de S. Marcos apresenta claramente a diferença entre *comprar com dinheiro/dar o que se tem*. E, tendo-se informado, lhe disseram: “Cinco pães e dois peixes” (6,38). Cinco mais dois é igual a sete. Sete é um número que na Bíblia significa “muitos”, como hoje o 8 deitado significa “infinito”.

O que faz, pois, Jesus? “Então, lhes mandou que os fizessem todos acomodar-se *em grupos*, sobre a verde relva; e se sentaram no chão, em grupos de cem e de cinqüenta” (6,39-40). Para poder dar uma solução ao seu problema, o povo é organizado. Sem organização — grupos, sindicato, partido político — o povo não encontra solução para os seus problemas. Jesus toma os pães e os peixes, levanta os olhos ao céu, recita a bênção e através de seus discípulos reparte-os entre todos (6,41). “Todos comeram e ficaram fartos” (6,42). Foram recolhidos no fim doze cestos, cheios de restos de pão e de peixe. Se sobraram doze cestos com os restos, é sinal de que no local havia muito mais cestos com pães e peixes, pois os que comeram “eram cerca de 5.000 homens” (6,43-44).

O modo de agir de Jesus com o povo é de quem quer libertá-lo de toda necessidade física (as curas), econômica (a multiplicação dos pães) e espiritual (“Felizes os puros de coração, porque contemplarão a Deus” — Mateus 5,8). A “multiplicação dos pães” é a negação do sistema econômico onde os bens necessários à vida humana são propriedade de uns poucos. Onde qualquer mercadoria só pode ser adquirida com dinheiro. Jesus introduz o *sistema do dom*, da partilha, da comunhão, da socialização, onde tudo pertence a todos. Aí o povo é o proprietário dos bens, que reparte entre si. E esta justiça é, sem dúvida, uma boa para todos nós.

A semente que brotou na comunidade

O livro dos Atos dos Apóstolos nos mostra como esse modo de viver de Jesus foi o modelo das primeiras comunidades cristãs: “Eram perseverantes no ensinamento dos Apóstolos, na vida comum, na fração do pão e na oração. O temor dominava todos os ânimos. Numerosos prodígios e sinais realiza-

vam-se por intermédio dos Apóstolos. Os fiéis viviam todos unidos e *tinham tudo em comum*. Vendiam suas propriedades e seus bens, repartindo tudo entre os demais, conforme a necessidade de cada um. Em íntima comunhão, todos os dias freqüentavam, assiduamente o templo, partindo o pão em suas casas e tomando as refeições com alegria e simplicidade de coração. Louvavam o Deus e gozavam da estima do povo. E o Senhor aumentava cada dia o número dos que haveriam de se salvar” (Atos 2,42-47).

A religião não era só *espiritual*. Olhava para as coisas da terra, para as necessidades dos irmãos. O louvor a Deus estava ligado ao serviço ao povo, que estimava os cristãos.

Os fiéis repartiam o pão entre si. O pão é comida, o vinho é bebida. Jesus faz da comida e da bebida Seu Corpo e Seu Sangue: é o sacramento da comunhão entre os homens. Comunhão significa “assumir com os outros”. O homem pode viver sem saber ler, sem casa para morar, sem roupa para vestir, mas ninguém vive sem comida e sem bebida. Em qualquer sociedade, a comida e a bebida são essenciais à vida humana. Por isso, a gente pode conhecer uma sociedade, vendo como ela produz, distribui e consome a comida e a bebida. Em muitas sociedades, como nesta em que vivemos, aqueles que produzem a comida e a bebida — os lavradores que plantam arroz, que colhem a uva para fazer o vinho — nem sempre são os que mais comem e os que mais bebem. Pelo contrário, os que mais produzem são os que menos consomem. Por outro lado, a comida e a bebida são propriedades de uns poucos: a gente vê supermercados cheios de comida e de bebida, ao lado de favelas onde muita gente passa fome. O que tem o sacramento da eucaristia a ver com isso?

Jesus faz da eucaristia um sinal: quer que todos os homens sentem em torno da mesma mesa como irmãos numa mesma família, em torno do mesmo Pai. Nessa mesa o pão e o vinho, o corpo e o sangue, a comida e a bebida são repartidos igualmente entre todos. A mesa representa a sociedade. Os fiéis, a humanidade. A eucaristia é o sinal de um mundo novo, onde todos repartirão entre si a comida e a bebida, unidos pelo AMOR, que acaba com as divisões, barreiras e injustiças entre os homens. “O Amor é de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus” (1 João 4,7).

Como Jesus semeou, devemos semear

Antes de lançar a semente no terreno, o lavrador prepara o terreno: desmata, passa o arado, revolve a terra. João Batista que veio preparar o terreno para Jesus lançar a semente, mostra o que significa essa preparação, e para isso cita o profeta Isaías:

“Voz do que clama no deserto;
preparai o caminho do Senhor,
endireitai-lhe as veredas;
todo vale será aterrado,
toda montanha ou colina arrasada;
os caminhos todos ficarão retos
e os atalhos escabrosos, nivelados.
E todo homem verá a salvação de Deus.” (Lucas 3,4-6).

As vezes a comunidade tem a impressão de uma voz que clama no deserto: sente-se fraca, pequena, diante de tantos obstáculos que existem no terreno da vida. Não confia na força da união do povo, na vontade de Deus que se manifesta na gente simples. No entanto, cabe à comunidade preparar o caminho do Senhor. Este caminho — o terreno da vida — se encontra cheio de acidentes: veredas, vales, montanhas, trilhas tortas e atalhos escabrosos, difíceis. São as injustiças, a opressão, as maldades, o sofrimento do pobre, os desníveis entre ricos e necessitados. Nosso papel, como Igreja, é preparar este terreno: endireitando as veredas, aterrando os vales, arrasando as montanhas e colinas, pondo retos os caminhos tortos, nivelando os atalhos. Pois só assim, quando não houver mais desníveis, barreiras e obstáculos entre os homens, quando na sociedade predominar a justiça e o amor, é que “todo homem verá a salvação de Deus”, pois o nosso Deus é o mesmo que libertou os hebreus da escravidão do Egito, e o mesmo que nos promete um mundo novo, onde a fraternidade humana se fará eterna.

Um dia Jesus “veio a Nazaré, onde crescera, entrou, como de costume, na sinagoga no dia de sábado, e levantou-se para fazer a leitura. Foi-lhe apresentado o livro do profeta Isaías, que ele abriu, dando com a passagem onde está escrito:

“O Espírito do Senhor está sobre mim,
porque ele me ungiu
para levar a boa nova aos pobres,
anunciar aos cativos a libertação
e aos cegos a restauração da vida,
dar liberdade aos oprimidos,
proclamar o ano de graça do Senhor.” (Lucas 4,16-19).

Aqui Jesus define sua missão. A missão da Igreja, de nossas comunidades, é a mesma de Jesus. Para cumpri-la, fomos escolhidos por Deus. Por isso, o Espírito do Senhor está em cada uma de nossas comunidades, para que a gente possa levar a boa nova aos pobres, que são os preferidos de Deus, pois são eles que mais necessitam de libertação. Aos que estão cativos da angústia, da tristeza, do egoísmo, devemos anunciar a esperança de uma vida melhor. Aos que são cegos e não enxergam a realidade da vida, as injustiças sociais, a possibilidade de mudar a sociedade, devemos abrir os seus olhos, para que possam tirar as pedras e tapar os buracos do terreno em que pisam. Aos que são oprimidos pela fome, pelo salário baixo, pela falta de casa, pela proibição de falar e de agir, devemos anunciar a liberdade. Assim, estamos proclamando o ano da graça do Senhor”: um tempo longo de justiça, em que todos os homens viverão nesta terra como irmãos, tendo tudo em comum.

reino de deus ...

Ao dar uma olhada em volta, a gente vê que as coisas não vão indo muito bem: favelas, pais de família sem emprego, jovens sem estudo, operários trabalhando de 10 a 12 horas por dia, custo de vida sempre mais alto, aluguéis caros, impostos pesados. Tudo isso gera fome, desamparo, doença, ignorância, dor, morte, brigas, infelicidade. Uns dizem: “não tem jeito não. O mundo sempre foi assim. Quem nasceu pobre tem que se conformar”. Outros não concordam: “não dá para agüentar mais. Temos que achar um jeito de mudar as coisas. Não está certo uns terem muita coisa e outros não terem quase nada”. Será que o mundo sempre foi assim? Deus quer o pobre sofrendo e o rico feliz? As desgraças são castigo de Deus ou fruto do egoísmo dos grandes?

O livro do Gênesis nos conta que, depois de criar todas as coisas e entregá-las ao domínio do homem, “Deus contemplou toda a sua obra, e viu que tudo era *muito bem*” (1,31). Ora, se tudo era muito bom, Deus seria injusto se achasse “muito bom” a pobreza, o sofrimento, a dor, as dificuldades da vida. Se Deus achou tudo “muito bom”, é porque nada disso Ele queria, nada disso foi criado ou desejado por Ele. Pelo contrário, o homem foi criado por Deus para viver num paraíso.

Como o homem acaba com o paraíso que Deus criou

Existe gente que só pensa em termos de EU. O fazendeiro que expulsa os posseiros da terra, só está pensando no dinheiro que vai ganhar colocando gado no lugar de gente e pasto no lugar de plantação. O patrão que faz o operário

**... o fruto que queremos colher no
chão da vida**

trabalhar mais de 8 horas por dia, pagando um pouco mais, só está pensando no lucro que ele vai ter com o trabalho extra de seus empregados. O comerciante que cobra cem cruzeiros por uma mercadoria que vale 20, só está pensando em encher o seu bolso à custa da exploração dos outros. É de pensar em termos do EU que nasce o *egoísmo* — fonte de todos os pecados e injustiças que existem.

O fruto que devemos colher

Jesus não quer um mundo onde exista gente que só pensa em termos de EU. Ele vem acabar com o pecado, com o egoísmo pessoal e social, e anunciar, por suas palavras e ações, um mundo de gente que só pensa em termos de NÓS. Este mundo é o “REINO DE DEUS”. Não é certo pensar que o Reino de Deus só começa quando acaba o mundo. Não! O Reino de Deus já chegou para nós (Lucas 11,20), está próximo (Mateus 3, 2); quem ainda não percebeu isto, deve logo procurá-lo (Lucas 12,31), pois ele pertence aos pobres (Lucas 6,20), e os ricos dificilmente entrarão nele (Lucas 18,24).

A gente conhece uma pessoa pelas características que ela tem: fulano tem cabelo liso, ombros largos, veste roupas alegres, gosta de arroz de forno, trabalha na construção civil.

Quais são as características do Reino de Deus?

Nele todas “as coisas serão renovadas”, “toda lágrima será enxugada dos olhos”, “e já não haverá mais morte, nem luto, nem grito, nem dor, porque as primeiras coisas terão passado” (Apocalipse 21,4-5). Este mundo novo, onde todos os homens têm iguais direitos e oportunidade, é o fruto que queremos colher no terreno da vida.

É claro que Reino de Deus não pode ser comparado a nenhum regime, a nenhum sistema social. Porém, é através da história dos homens, dos regimes políticos, dos sistemas sociais, que o Reino se constrói.

Como construir este Reino? Como fazer brotar este fruto? A resposta está no capítulo 25 do Evangelho de S. Mateus, versículos 31 a 46: o Reino se constrói onde o povo deixa de passar fome, de sentir sede; ninguém vive mais desamparado, sem roupa ou doente; os oprimidos alcançam a liberdade. Quem faz isto pelo povo, faz isto para Deus, mesmo sem saber

que nesse serviço ao povo está agradando a Deus: “Em verdade vos digo: o que fizestes a um dos menores desses meus irmãos, a mim o fizestes” (Mateus 25,40).

No juízo final, Deus não vai querer saber quantas velas acendemos para as almas, ou quantas primeiras sextas-feiras fizemos na vida. O de que Ele nos pedirá contas é do que fizemos pelos que passam necessidade, vivem na miséria, são tratados com indiferença e injustiça. “Se alguém tiver bens deste mundo e vir seu irmão passando necessidade e lhe fechar as entranhas, como habitará nele o amor de Deus?” (1 João 3,17).

Jesus veio anunciar o Reino, e não Igreja

Muitas vezes a gente só fala da Igreja e se esquece de falar do Reino: esse mundo novo que Deus quer para os homens. Ora, em todo o Evangelho, só 2 vezes Jesus fala da Igreja (Mateus 16,18 e 18,17). Mas em Reino Ele fala mais de 100 vezes! A Igreja é o *meio* de pregar, anunciar, preparar e realizar o Reino. Como um encanamento que conduz a água: de nada adianta ter o encanamento sem ter a água. Do mesmo modo, de nada adianta estar na Igreja sem construir o Reino.

Podemos dizer que o mundo é a roça de Deus. Nós, os cristãos, somos os lavradores contratados para trabalhar essa roça. O Evangelho de Jesus Cristo é a nossa carteira de trabalho, que foi assinada no dia do batismo. A Igreja é onde a gente se organiza para conhecer os nossos direitos e trabalhar melhor. O terreno é a sociedade em que vivemos. A semente é a libertação que Jesus veio trazer para o povo. Os frutos que queremos colher nessa roça são o Reino, o mundo da justiça e amor entre os homens.

Nosso papel agora é começar a *ensaiar este Reino*, pois o Reino já está presente entre nós. Quando a gente ensaia um canto, ainda não é o canto bem cantado, é apenas um treino. Pois bem, enquanto toda a sociedade não é modificada e o Reino não atinge a sua plenitude, vamos começar a ensaiá-lo dentro de nossas possibilidades. Há muitas maneiras de a gente ensaiar o Reino, e mostrar que ele começou entre nós (Lucas 17,21), fazendo uma roça comunitária, organizando um mutirão, fortalecendo o sindicato, valorizando o centro comunitário, defendendo os direitos dos pobres, abrindo os olhos

dos simples, denunciando as injustiças dos grandes. Tudo isso que une, fortalece e dá esperança ao povo faz diminuir as lágrimas, as dores, as mortes e os lutos. Isso é o ensaio do Reino. Portanto, esse ensaio pode ser feito: 1. na medida em que a gente modificar as relações pessoais; 2. na medida em que a gente modificar as relações sociais.

1. A gente modifica as relações pessoais fazendo as pessoas deixarem de pensar em termos de EU para pensarem em termos de NÓS. Unindo os pobres aos pobres, pois querer unir o rico ao pobre é o mesmo que misturar água e óleo. Só quem se coloca do lado dos pobres é capaz de amar verdadeiramente os pobres, como Jesus de Nazaré (Filipenses 2,7). A gente se sente unido mais aos outros, quando lutamos pela mesma causa, buscamos os mesmos interesses, enfrentamos juntos os mesmos sacrifícios.

2. A gente modifica as relações sociais acabando com a exploração e criando a socialização: se alguém tem carro, que ponha o seu carro a serviço da comunidade; se alguém ganha mais dinheiro, que contribua mais para as necessidades da comunidade; onde não há médico, por que não organizar uma farmácia comunitária ou alguém do bairro fazer um curso de primeiros socorros? Mas não basta pôr em comum os bens e a vida. É preciso criar *laços* de união entre as pessoas que pensam em termos de NÓS, ou mesmo fortalecer os laços que já existem, como o sindicato para os operários, o centro comunitário para os moradores do bairro, o partido político para os que querem lutar por leis em defesa do povo, o clube de mães para as mães que sabem costurar e podem ensinar a outras, o grupo de jovens, etc.

O amor está acima da lei

Muitas vezes a gente quer *ensaiar o Reino*, modificar as coisas, denunciar as injustiças, defender os direitos humanos, mas encontra medo e dificuldade. Uns dizem que não dá, outros falam que não podem, ou não é permitido. Mas o amor “não tem prazer na injustiça e se alegra com a verdade” (1 Co-

ríntios 13, 6). O amor pode tudo. “Ama, e faz o que quiseres” diz Santo Agostinho. É o que nos mostra a prática de Jesus.

Na época de Jesus, havia uma lei que proibia fazer qualquer trabalho no sábado. O Sábado era um dia santo. E os fariseus defendiam com unhas e dentes esta lei. Para eles a lei era a própria vontade de Deus. “Num dia de sábado, ao passar Jesus pelas messes, os seus discípulos, enquanto andavam, começaram a colher espigas” (Marcos 2,23). Colher espigas de milho no sábado era contra a lei, era pecado aos olhos dos fariseus. Mas Jesus e seus discípulos parecem não respeitar a lei. Disseram-lhe, então, os fariseus: “Vê! Por que fazem no sábado aquilo que não é lícito?” (Marcos 2,24). Por que a comunidade de Jesus age de uma maneira que não é permitida pela lei? Jesus não responde com idéias. Responde citando um fato acontecido com Davi, figura que os fariseus tanto respeitavam: “Nunca lestes o que fez Davi, quando estava necessitado e teve fome, ele e os companheiros? Como entrou na casa de Deus, ao tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da oferenda, os quais somente aos sacerdotes era lícito comer, e até os deu aos companheiros?” (Marcos 2,25-26).

Os fariseus reclamam do que a comunidade de Jesus faz no sábado. Jesus responde mostrando o que a comunidade de Davi fez no templo. A comunidade de Jesus colhe espigas no campo; a comunidade de Davi comeu os pães reservados para o altar, e que só os sacerdotes podiam comer. E por que razão Davi e seus companheiros puderam fazer tudo isso, sem cometer pecado ou faltar ao respeito? Quando é que a gente sabe se pode fazer alguma coisa mesmo quando não é permitida? A resposta é dada por Jesus: Davi pôde fazer isto porque “estava necessitado e teve fome” (Marcos 2,25). A necessidade do homem está acima da lei, das normas e dos costumes. De que vale a lei, se ela não serve para libertar o homem? De que valem as normas se elas não ajudam a resolver os problemas do povo? Então, Jesus diz aos fariseus: “O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” (Marcos 2,27). A lei deve estar a serviço do homem e não o homem a serviço da lei.

As nossas comunidades devem procurar saber quais são as necessidades do bairro, dos nossos locais de trabalho, do

nosso município. O que devemos fazer diante delas? Como podemos responder a elas? Assim, a nossa fé estará produzindo frutos e Deus estará sendo glorificado, pois “nisto é glorificado meu Pai: em que produzais muito fruto e vos comporteis como discípulos meus”. (João 15,8).

É importante, então, para o nosso trabalho:

1) *Conhecer bem o terreno.* Antes de plantar café, o lavrador examina a terra para saber se ali dá café. O motorista que conhece a estrada não tem medo das curvas. O médico só pode receitar o remédio, depois de examinar o doente e descobrir a causa da doença. Do mesmo modo, devemos examinar o terreno da vida, conhecer os seus problemas, os seus obstáculos, as suas pedras, as causas de tantas dificuldades.

2) *Escolher bem a semente.* Feijão é uma coisa de que o brasileiro gosta muito. Mas existem diferentes tipos de feijão: preto, mulatinho, manteiga. O lavrador, antes de plantar feijão, escolhe a semente do feijão que ele quer colher. Do mesmo modo, não basta a gente ficar cantando e falando em “libertação”: é importante saber que tipo de libertação o povo espera e precisa. A semente do Evangelho não liberta somente o espírito do homem; liberta o homem de todas as opressões físicas, econômicas, políticas e sociais. Mas para brotar, esta semente deve estar dentro da terra, dentro da vida. Semente fora da terra apodrece. Uma vez plantada, ela precisa ser regada com o nosso suor, a nossa luta, a nossa união. Só então crescerá e frutificará.

3) *Colher o melhor fruto.* Na colheita o lavrador não pega qualquer fruto: escolhe os melhores. No supermercado a dona de casa não apanha qualquer batata, escolhe as mais bonitas. A gente também não deve ficar satisfeito com qualquer resultado do nosso trabalho: deve querer o melhor resultado, mesmo que ele seja trabalhoso e demorado. Se alguém tem fome para comer uma feijoada e fica satisfeito com um biscoito, é sinal que está enganando a barriga. Em questões de justiça a gente não deve “enganar a barriga”, mas ir até o fim, até o dia em que não haverá mais pobres e ricos, patrões e empregados, opressores e oprimidos, pois todos viverão como irmãos e filhos do mesmo pai.

Para organizar melhor o trabalho de nossa comunidade é importante ainda que a gente estabeleça quais os *objetivos que a gente quer atingir; com que instrumentos vamos atingir esses objetivos; por quais prioridades vamos começar a trabalhar:*

1. *Objetivos que a gente quer atingir:* Quem vai fazer uma viagem sabe aonde quer chegar; o objetivo da novela é obrigar a gente a ficar diante da televisão sendo massacrado por todos aqueles anúncios, opis ninguém ligaria o aparelho só para ver propaganda; o objetivo da loja ao vender pelo crediário é cobrar mais caro pela mercadoria, dando ao freguês a impressão de um pagamento mais suave. Assim, nossa comunidade de Igrejas deve ter também seus objetivos: o que queremos fazer? A quem pretendemos atingir? Que frutos queremos colher? Que resultados queremos alcançar?

2. *Instrumentos para atingir os objetivos.* Para construir uma casa o pedreiro precisa de certos instrumentos como pá, balde, fita métrica, fio de prumo; o electricista usa como instrumentos o alicate, a chave de fenda; o médico, para examinar o doente, tem também seus instrumentos: o termômetro, a seringa para colher sangue, o aparelho de medir pressão. Para atingir os nossos objetivos, a comunidade deve primeiro saber com quais instrumentos vai poder contar. Uma comunidade queria que os lavradores da região fossem mais unidos (objetivo); então, ajudou-os a formar o sindicato rural (instrumento). Outra comunidade queria levar à Prefeitura todas as reclamações do bairro (objetivo); então, formou comissões de moradores para colher assinaturas, fazer reuniões com os vizinhos e ir à Prefeitura (instrumento). Ainda uma outra comunidade tinha por objetivo fazer da festa do santo padroeiro uma festa do povo simples; então usou como instrumento não aceitar dinheiro ou ajuda de quem não vivesse como o povo simples.

3. *Prioridades a serem consideradas:* Quem vai cavar um poço (Objetivo), precisa de pelo menos picareta e pá como instrumentos, mas deve logo estabelecer uma prioridade: em que local cavar o poço? Quem vai construir um prédio (objetivo), deve contar com muitos instrumentos: máquinas, fer-

ramentas, etc., mas precisa logo saber *por onde* começar a construção: então, estabelece a prioridade de começar pelo alicerce. Do mesmo modo, a comunidade define os seus objetivos, verifica com quais instrumentos pode contar e, em seguida, estabelece a prioridade: *por onde* começar, *como* começar, *com quem* começar.

“Quem de vós, querendo construir uma torre, não começa por sentar-se para calcular a despesa, e ver se possui com que acabar? Para não suceder que, tendo lançado o alicerce, e não podendo terminar, todos os que o virem, comecem a zombar dele dizendo: “Este homem começou a construir e não pôde terminar!” Ou ainda, qual é o rei que, partindo para entrar em guerra com outro, não começa por sentar-se a fim de calcular se poderá, com 10.000 homens, enfrentar o que lhe vem ao encontro com 20.000? (Lucas 14,28-31).

Tudo isso, porém, a comunidade deve fazer “em nome do Pai”, para “dar testemunho do Pai” (João 10,25), a fim de que os membros da comunidade, animados pelo Espírito Santo, sejam, como Cristo, “um com o Pai” (João 10,30). Assim todos nós seremos um, “como Tu, ó Pai, o és em Mim e Eu em Ti” (João 17,21).

moisés :

vocação e vida

Abdalaziz de Moura

I. O crescimento e desenvolvimento do país

1. No país em que nós estávamos vivendo, a situação era muito boa. As construções eram muitas e grandes. A Nação crescia a olhos vistos. Havia muitos empregos, sobretudo na construção civil e na agricultura. Havia um forte comércio com o exterior. Tudo isso era conhecido fora, era propagado e divulgado nos documentos oficiais, nas bibliotecas, e nas praças públicas. (Êxodo 1,11).

2. Porém, por trás de todo esse desenvolvimento e esse modernismo estava uma coisa: a perseguição da nossa gente. Todo esse trabalho era às nossas custas. E como achassem pouco a nossa produção, começaram a exigir sempre mais. Para isso aumentaram o número de mestres, vigias, fiscais, sub-gerentes e chefes. Aumentaram sempre mais as horas extras, e o salário diminuía na medida que a produção e as horas aumentavam. Dizendo assim, nem parece possível. Só mesmo vivendo para crer! (1,12-14).

3. Ainda acharam pouco o que nos impunham, e proibiram o nascimento dos nossos filhos. Eles começaram a ter medo da nossa população de trabalhadores que cada vez aumentava mais. Ordenaram que as parteiras matassem nossos filhos na hora do parto. Quando descobrimos isso, começamos nós mesmos a fazer os partos em casa, sem chamar as parteiras. Daí, inventaram outro jeito ainda pior de impedir nossos filhos de nascerem. Os filhos, eram a única riqueza que podíamos ter e esta, eles queriam acabar. Decidiram

jogar os nossos recém-nacidos no rio. Filho meu mesmo, eles ainda conseguiram jogar um. Jogaram muitos outros. Mas depois a gente encontrou jeito de escondê-los. (1,8-12 e 1,15-22).

4. Um casal amigo meu, conseguiu esconder o seu filho e com muita astúcia, este menino terminou sendo criado no palácio dos grandes. (2,1-10).

II. O crescimento e desenvolvimento de Moisés

5. Este garoto teve a chance de crescer com a proteção dos grandes nos palácios e escolas deles. Mas a sua raça era dos pequenos, e graças a Deus, ele não fez como muitos fazem, que quando sobem, esquecem os que ficaram em baixo. Ele não negou o seu sangue. Era um rapaz muito sensível à realidade, e procurou ver o outro lado da moeda. (2,9-10).

6. Um dia, ainda muito jovem, já começando a entender um pouco a situação, resolveu defender um dos nossos que era surrado por um dos grandes. Olhou pra um canto, pra outro, não viu ninguém, e pensou consigo mesmo: É agora que vou me vingar. E não teve demora, matou o homem ali mesmo, e com a ajuda do surrado, enterrou o outro na areia. (2,11-12).

7. Moisés ainda era muito inexperiente. Ele pensou que isso ia resolver os problemas. E como estas coisas nunca ficam a vida toda escondidas, os nossos ficaram sabendo do fato. Outra ocasião, Moisés viu outra briga. Só que desta vez, não era um dos nossos contra um dos deles, mas eram todos dois dos nossos, um contra o outro. Entre nós havia muitas brigas e muitas mortes. Nossa gente vivia muito aperrada, muito sofrida e abafada. Não podia desabafar contra quem merecia, terminava desabafando entre os próprios irmãos, na briga, na bebida, e até na morte. (2, 14).

8. Moisés então foi se meter para acalmar os ânimos, e um deles alterado saiu com essa para Moisés: "Th! Estás muito metido, quem é que te chamou aqui. Pensas que eu sou o egípcio que tu mataste e escondeste e ficou por isso mesmo?! Não sou não." Moisés se arrasou com esta reação,

entrou numa fossa horrível. E o boato terminou se espalhando e chegando até ao palácio. Chegou a ponto de Moisés ter de fugir para escapar da perseguição do Faraó. Os grandes começaram a ver nele um perigo muito grande para a segurança da nação e tinha de ser morto. (2,13-15).

III. A nossa avaliação do gesto de Moisés e nossos planos

9. Um grupinho dos nossos, do qual eu sempre participei, teve de discutir e avaliar este gesto de Moisés. Achamos que ele fez uma besteirada, atçou mais ainda o inimigo contra nós. O ato dele foi de mera revolta e desabafo. O povo gostou muito do que ele fez, mas tinha medo de apoiá-lo. Depois teve mais: Moisés mal conhecia a nossa gente e os problemas, agora é que começava a tomar os primeiros contatos. Desconhecia as nossas intrigas, e o pior ainda, desconhecia as razões por que a gente brigava entre nós mesmos. Ele não sabia na carne ainda o que era aperreio de vida, trabalho duro, salário pequeno. (2,11 2,15).

10. Para Moisés ter agido certo, ele teria de esperar mais, nos conhecer mais de perto, preparar-se conosco. Inclusive já havia gente que se mobilizava, que se esforçava para fazer alguma coisa, e ele nem sequer sabia disso! Nós que já nos encontrávamos, saíamos muito bem que não adiantaria libertar o povo, se o povo não quisesse. Era besteira a gente lutar sozinho.

11. A outra grande falha de Moisés, foi ele ter pensado como os grandes pensam. Ele estava acostumado a ver os grandes decidirem as coisas. Pensava então, muito ingenuamente, que a decisão dele, pelo fato de ser um dos grandes iria salvar e libertar nossa gente. Ele pensou como muitos do país de vocês que gritam nas tribunas, nos púlpitos e nos comícios, com muita coragem, como se fossem eles que fossem decidir a libertação do povo e não o povo. É aquela história de decidir PARA, e não CONOSCO.

12. Mas não foi só falha o gesto de Moisés. Nós reconhecemos que ele quis acertar, que era um rapaz decidido e disposto, com muitas qualidades e boas intenções. Daí tomamos

uma decisão de manter o contato com ele, de não perdê-lo de vista. Com nosso contato, ele percebeu que tinha sido precipitado, que agiu sozinho. Ele permaneceu no deserto, lá, ele casou e constituiu família. As vezes quis se acomodar com a família e os rebanhos, mas a gente não perdia o contato. Levávamos as notícias, refletíamos com ele, e o trabalho de grupo não parou. Mas as coisas eram feitas com muita cautela. Pois os faraós andavam atrás de qualquer brecha para ter motivo de nos acusar de subversão e de aumentar nossos apereios. (2,16-22 e 2,23-25).

IV. A volta de Moisés para o nosso meio

13. Nosso trabalho era feito em duas frentes. Uma com todo o pessoal, aproveitando todas as ocasiões possíveis de encontros, visitas, contatos, festas, feiras, trabalhos etc. E outra com grupos bem menores, avaliando e aprofundando os passos e mantendo a ligação com Moisés. O amadurecimento de Moisés era uma constante. O deserto lhe oferecia uma condição que nós não tínhamos no país. Nossas lutas diárias eram muito pesadas, nossos vigias estavam sempre com os olhos em cima da turma. (3, 1-6 e 4, 14, 16).

14. No deserto, ele trocava idéias com os mercadores que atravessavam o deserto e traziam informações de outros lugares. E o deserto ajudou mais ainda a Moisés a manter o contato íntimo e profundo com Javé. Todos os nossos problemas, os nossos passos, as nossas tentativas e dificuldades eram amadurecidas e refletidas em contato profundo com Javé. (3,7-9).

15. Todo este processo de ligações muito íntimas com Javé, terminou numa decisão: a volta de Moisés para o nosso meio. Disse ele que não podia mais resistir ao apelo de Deus. Fez tudo que era possível para se desculpar mas Deus o chamava de modo cada vez mais irresistível. Nós aceitamos sua proposta, pois tinha a garantia de Javé. E também o faraó que queria matá-lo, já havia morrido, e agora tinha outro no comando. (3,10-12 e 6,2-9).

16. Moisés voltou para o nosso meio mais entusiasmado do que todos os demais. Estava mais adulto, já era pai de família. Mas mesmo assim, continuava apressado demais. Queria fazer logo a libertação. Ainda não havia se curado da mania anterior. Ele estava por dentro da situação, mas estava distante, no deserto. As coisas tinham de ir devagar. Nós que estávamos perto, sabíamos muito bem disso. Com todo o seu entusiasmo, ele inventou com seu irmão, que fazia parte do nosso grupo, de ir falar sozinho com o Faraó. Moisés foi teimoso, e o resultado foi o que tínhamos previsto: Atiçou a mosca atrás da orelha dos grandes. A opressão aumentou, o povo se revoltou contra nós e contra ele mesmo e quase que ele teria sido obrigado a fugir de novo para o deserto. Foi duro reconquistar novamente a moral da nossa gente, agora ainda mais oprimida, ainda com mais dificuldade de se encontrar. (5,1-19 e 6,9. 4,27-31).

V. Nova avaliação e novos planos: reconquistar os nossos

17. As lições Moisés não aprendeu no primeiro fracasso, aprendeu no segundo. Agora esses companheiros que vêm muito longe e com muito entusiasmo são sempre muito tentados a botar o carro na frente dos bois. Tivemos de programar uma avaliação geral de todos os nossos passos: nossa preocupação não seriam os grandes, mas, nós mesmos, os pequenos. (5,19-23).

18. Foram longas e duras as nossas tarefas. Muitos não queriam saber de nada destas coisas. Já estavam acostumados, por que agora esta invenção? Seria melhor se aquietar, pois esta história de querer a libertação só servia, para atrair mais ainda a raiva de Faraó contra nós. Ao menos a nossa gente tinha trabalho e comida, pior era ficar sem isso! Quando as pessoas do grupo falavam da presença e do plano de Javé sobre nosso povo, tinha gente que ridicularizava conosco, levava na gozação, e havia até quem tentava nos denunciar, e cagüetar aos grandes. (4,1 4,10).

19. Mas isso, também, os grupos de trabalho foram entendendo. Pois nós já vínhamos há mais de quatrocentos anos

na escravidão. Já imaginaram o que isso deixa de marca numa população oprimida? Nosso pessoal já nem tinha idéia de liberdade, nem sabia mais o que era isso. Se isto existisse, era pra outros países, outros povos distantes, mas pra nós não. Já estávamos acostumados. Nós entendíamos esta situação, por isso, não dizíamos que o povo não queria nada, não nos julgávamos melhores do que os outros. (6,9-12).

20. Foi duro, gente. Vou dizer uma coisa a vocês: Se não fosse Javé que tivesse a frente, que tivesse nos dado garantia, eu tenho certeza de que nós não continuaríamos, diante de tantas dificuldades. Aos poucos e devagarzinho fomos conquistando novamente o pessoal. Já havia muitas pequenas ações. A organização do povo foi evoluindo a partir das ações refletidas, como por exemplo, descobrimos jeito de esconder e educar nossos filhos, encontramos onde e como escondê-los para não serem jogados no rio. Nos ajudamos muito em mutirão, melhoramos nossas casas, celebramos sempre nossa fé ligada a nossa vida. Encontramos jeito de nos comunicarmos ou nos reunirmos, tanto no campo, como na cidade. O pessoal foi descobrindo que tanta produção, não tinha resultado pra nós. Todo lucro ia para outros. E nós sempre a produzir cada vez mais. Quanto mais produzíamos, mais ficávamos pobres, e os outros, mais ficavam ricos. (4,29-31).

VI. Novos contatos com Faraó

21. Para encurtar a história, meu amigos, o certo é que quando Moisés foi falar a segunda vez com Faraó, foi com uma grande comissão formada pelos nossos anciãos, os homens mais idosos e experimentados na vida, como Javé tinha ordenado. E teve mais: Esta comissão foi apoiada mesmo no povo. Todo nosso caminho seria legal e pacífico. Nenhum de nós queria confusão, queríamos apenas os nossos direitos de ser gente, de sermos filhos do nosso Deus. (3,16-19).

22. Nossa conversa com Faraó, não deu resultado imediato. Aliás, isso, a gente já esperava. Ele com os seus conselheiros e assessores nos disseram que estávamos querendo fazer subversão, que estávamos querendo aproveitar da pobreza para agitar. (7,8-13).

23. Rezamos muito em todos os grupos, pedindo a Deus a orientação correta. E assim sempre nos habituamos a fazer: A cada passo importante, um encontro importante com Deus e o povo. Rezar, avaliar e escutar o que Deus dizia para nós através dos fatos e ações. Aos poucos muita gente ia descobrindo como era o próprio Javé que queria a nossa libertação, como era ele o nosso comandante chefe, e nós éramos mais instrumentos. E tem mais: O pessoal descobria que esse sim, era o Deus verdadeiro, o que queria a nossa libertação, e não aqueles deuses invocados nos cultos, sacrifícios e ritos sem ligação com a nossa vida. (7,1-7).

24. Com a avaliação se observou que Faraó dificilmente cederia. Vocês já pensaram, éramos seiscentos mil adultos a trabalhar, pagos somente com a comida? Se nossa gente saísse, a Nação entraria em colapso. Uns assim mesmo achavam que Faraó cederia. Outros achavam também que sim, mas só se fosse na marra. Acontece porém, que o próprio Javé nos fez ver diversas vezes, que Ele mesmo estava endurecendo o coração do Faraó. No início nós não queríamos entender esta atitude de Javé. Mas com isso, Javé nos mostrava aos poucos que a nossa liberdade teria de ser uma conquista dura e árdua, se não depois o povo não daria valor, e seria até arriscado diante das dificuldades querer voltar atrás. (7. 3, 13, 22, 23; 8. 15, 19, 32; 9. 7, 12, 35; 10. 20, 27)

VII. A saída do povo, etapa decisiva no caminho da libertação

25. Faraó então foi endurecendo o coração. Porém, quanto mais duro ele ficava, mais o povo ia descobrindo jeito de agir. E mais o povo sentia a presença de Javé. As ações e os fatos iam se sucedendo: As águas do Nilo viradas em sangue, pestes e mais pestes de rãs, de gafanhotos, mosquitos, moscas, saraivadas, trevas etc. Estes episódios vocês já conhecem, por isso estou resumindo. (Caps. 8-10).

26. Isso foi dando tempo ao povo de se fortificar e se organizar mais. Agora eu lembro, pessoal! Sempre nós fazíamos

Textos

do nosso texto

Pobres daqueles que, tendo uma casa, compram o bairro pouco a pouco! Pobres daqueles que juntam campo a campo! É assim que se vão apropriar de tudo e não deixarão nada para os demais? (Is 5.8)

O mau tem os olhos fixos no pobre, embosca-se como o leão em sua caverna, para arrebatá-lo e arrastá-lo em suas redes. Senhor, tu escutas os clamores dos humildes, lhes dás ânimo e atendes a eles. Farás justiça aos órfãos e oprimidos e não serão dominados por homens de barro. (Sl 10, 9, 17, 18).

O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me escolheu para anunciar as Boas-notícias aos pobres e me mandou anunciar a liberdade aos presos, dar vista aos cegos, pôr em liberdade os que estão sendo torturados e anunciar o ano em que o Senhor vai salvar o seu povo. (Lc 4.18, 19).

É pela própria vontade de Deus que o Filho tem em si mesmo a natureza completa do Pai. Portanto, por meio do Filho, Deus resolveu trazer o universo de volta para si mesmo. Ele faz a paz por meio da morte do seu Filho na cruz. (Cl 1.19, 20).

Nenhum servo pode servir a dois patrões. Verá com maus olhos o primeiro e quererá ao outro, ou se apegará ao primeiro e desprezará ao segundo. Vocês não podem servir a Deus e ao deus-dinheiro. (Lc 16.13).

Todos os que creram continuavam juntos e em amizade, e repartiam o que tinham uns com os outros. Vendiam suas propriedades e outras coisas, e repartiam o dinheiro com todos, de acordo com a necessidade de cada um... (At 2.44-47).

De fato é pelo poder de Deus que expulso os demônios, e isto prova que o Reino de Deus já chegou a vocês. (Lc 11.20).

Disse Jeová: Tenho visto a humilhação de meu povo no Egito, e tenho escutado os seus gritos quando são maltratados pelos seus chefes. Eu conheço os seus sofrimentos. E desci para livrar o meu povo da opressão e para levá-lo a um país grande e fértil; a uma terra que mana leite e mel... (Êx 3.7-9).

avaliação e novo plano depois de cada coisa dessa. Muita gente que antes não acreditava, ao ver a coragem de uns, e a organização de outros, passava aos poucos a acreditar. Para os lados dos grandes e amigos de Faraó, as coisas foram piorando. E até entre eles mesmos, havia muita divisão interna. (8-10).

27. E assim, os papéis foram trocando de lugar. Nossa gente foi ficando mais forte e Faraó foi ficando mais fraco. Foi quando os nossos grupos já estavam bem organizados e Javé nos inspirou a última grande ação: Todas as nossas casas foram marcadas e nossos animais também. E no outro dia amanheceram mortos todos os filhos mais velhos dos homens e dos animais egípcios. Desta vez, nem precisou a gente pedir nada. Eles é que nos vieram pedir. E vocês sabem o que eles vieram nos pedir? a nossa retirada, o mais cedo possível. (10.7, 10, 11).

28. Aí foi a nossa vez. Reunimos nosso povo e decidimos fazer nossas exigências. Sempre eles impuseram as condições, agora era chegada a vez das nossas: Exigimos roupas, mantimentos e objetos de uso pessoal e animais. Nos deram sem mais demora, porque queriam a nossa retirada. A esta altura a organização do povo já era bem maior e conseguimos sair. Esta etapa na vida do nosso povo foi decisiva. Durante todo o nosso processo de caminhada, lembramos esta etapa através de uma festa, que chamamos Páscoa, que quer dizer passagem de nossa opressão, para a liberdade de caminhar em busca de uma libertação mais definitiva. (10.13-26 e 12.21-37).
